

**GLOSSÁRIO NEOLÓGICO PARCELAR
DA OBRA “O GUESA”, DE JOAQUIM DE SOUSA ANDRADE**

Gisele Alves (UNESP/FCLAr)
gis_alves@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve por objetivo geral avaliar se os neologismos empregados por Joaquim de Sousa Andrade, na obra “O Guesa”, são criados, em maior predominância, por meio do processo da composição. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se coletar os substantivos e adjetivos neológicos empregados na obra “O Guesa”, de Joaquim de Sousa Andrade; analisar e descrever os neologismos coletados e elaborar um glossário parcelar a partir dos neologismos coletados.

Quanto à hipótese, supomos que a obra “O Guesa”, de Sousaândrade, reflete o caráter dinâmico do léxico, dada a significativa recorrência de neologismos. Nossa principal hipótese foi investigar se o autor busca criar novos substantivos e novos adjetivos, recorrendo, na maioria de suas criações, ao recurso da composição.

O trabalho proposto foi desenvolvido conforme as etapas seguintes: levantamento dos substantivos e adjetivos neológicos por meio do programa que se destina a buscar vocábulos em textos denominado *Folio Views*; consulta aos textos lexicográficos de exclusão “Diccionario da Lingua Portuguesa” de Antonio de Moraes Silva, 2ª edição fac-símile, de 1813; “Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa”, de Caldas Aulete, 2ª edição, de 1881; e “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, de Cândido Figueiredo, 4ª edição, de 1925. O critério adotado para considerar a palavra como neologismo consistiu na verificação de seu registro nos dicionários mencionados.

O GUESA: UM BREVE ESBOÇO

No que concerne à obra de maior representatividade da poética de Sousaândrade, “O Guesa” é um poema longo de 13 cantos, sen-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

do que os de números VI, VII, XII e XIII não foram concluídos. Seus primeiros cantos datam de 1858.

Na visão de Campos (2002), em consonância com a moderna concepção de poema longo, a obra em questão encerra um entrecruzamento das linhas dramática, lírica, épica e narrativa. Logo, vê-se a rebeldia do poema por não obedecer a uma classificação rígida quanto aos gêneros de composição. Para fins didáticos, “O Guesa” é considerado como uma composição narrativa que não segue um desenvolvimento lógico-linear, mas que evolui, predominantemente, no plano da memória, tendo como pano de fundo a lenda indígena da Guesa Errante.

Para escrever o longo poema de 13 cantos, o poeta se reveste do Guesa, um personagem lendário conhecido por meio do culto solar dos indígenas da Colômbia. O Guesa, cujo nome denota errante, sem lar, era uma criança roubada dos pais e destinada a cumprir o destino mítico de Bochicha, Deus do Sol. Seria educado no templo da divindade até os 10 anos de idade, quando deveria partir para as peregrinações de deus, chegando ao final do sacrifício ritual aos 15 anos. Este ritual seria realizado numa praça de forma circular, onde o adolescente era preso a uma coluna e cercado de sacerdotes, chamados de “cheques”, e morto a golpes de flechas. Depois de morto, seu coração seria arrancado e oferecido ao sol, enquanto seu sangue seria recolhido em vasos sagrados. Terminado o ritual, iniciava-se o novo ciclo astrológico de quinze anos em que uma outra criança seria raptada (o novo guesa), dando início a uma nova cerimônia.

NEOLOGISMO E LÉXICO

Conceitua-se neologismo, parafraseando Boulanger (1979), como uma palavra de criação recente, de caráter inédito e novo que ainda não se encontra dicionarizada, ou seja, não estando lexicalizada, a nova forma lexical não está incorporada ao léxico geral da língua para o comum dos falantes em suas múltiplas manifestações linguísticas.

Guilbert (1975, p. 31) assinala que “a neologia lexical se define pelas possibilidades de criação de novas unidades lexicais em virtude das regras de enunciação inclusas no sistema lexical”. Este

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

autor sustenta que o sistema lingüístico funciona como um mecanismo organizado de regras de produção de palavras que rege o processo de criação vocabular sem que isso desencadeie incomunicabilidade e má interpretação das mensagens veiculadas entre os falantes.

Concebido como o aspecto social da língua, o léxico caracteriza-se pelo fenômeno da evolução e da continuidade. Sendo transmitido de geração a geração, constata-se que há uma parte do léxico que garante a eficácia da comunicação entre os mais diversificados falantes nos mais diferenciados contextos. Logo, entende-se que existe uma parcela permanente do léxico de uma língua resistente à renovação e qualquer sinal de mudança. Por outro lado, o léxico é alvo de constantes processos de renovação, dado o seu caráter representativo do universo da significação, do mundo dos homens que se caracterizam também por um constante dinamismo. Estas duas forças atuantes no léxico, a conservação e a inovação, permitem que Guilbert (1975) considere a composição do léxico, em um dado momento, como determinada pela ação contraditória de forças de conservação e de forças de inovação, sendo tal equilíbrio entendido como garantia de uma renovação parcial e contínua do acervo lexical graças ao aparecimento de novas palavras e novos sentidos, ao passo que outras palavras e velhos sentidos caem no desaparecimento.

Considerando a abrangência do estudo da neologia lexical, pode-se supor que este estudo se restrinja especificamente à investigação do processo de criação lexical. Porém, as pesquisas no campo neológico assumem uma maior amplitude à medida que se desdobram na investigação da natureza de todas as outras unidades vocabulares que referenciam o universo das coisas, os tipos de pensamento, a todas as particularidades do mundo e das sociedades em geral. Ampliando os domínios do estudo em questão, Guilbert (1975) adverte que “o estudo da neologia lexical consiste também em reunir um conjunto de neologismos surgido num período preciso da vida da comunidade linguística”.

GLOSSÁRIO

Buscando fontes bibliográficas especializadas no assunto “glossário”, nota-se uma acentuada escassez de obras dedicadas a es-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

te assunto, uma vez que a maioria das obras consultadas destina-se a uma discussão bastante generalizada acerca de dicionário.

Em virtude disso, retomaremos estudos empreendidos por Barbosa (1995) e algumas definições lexicográficas propostas por Moraes (1813) e Figueiredo (1925).

Embasando-nos na definição lexicográfica elaborada por Moraes (1813, p. 89), glossário é entendido como “s.m. Vocabulário, Dicionário”. Na concepção de Figueiredo (1925, p. 963), trata-se de “m. Livro *ou* vocabulário, em que se explicam palavras obscuras. Dicionário tecnico. (Lat. *Glossarium*)”. Barbosa (1995) atenta-se a esclarecer as oposições entre dicionário, vocabulário e glossário. Nesse sentido, a autora diz ser necessário considerar o nível lingüístico do *corpus* analisado para o estudo da diferenciação entre dicionário, vocabulário e glossário.

Se se baseia na língua, teremos dicionários e léxicos, mas se o corpus delimita-se à fala, resultarão vocabulários e glossários (...). Léxico e dicionário por um lado, e vocabulário e glossário por outro, podem definir-se também se considerada a delimitação do corpus definido para a análise. O vocabulário e o glossário estão limitados pelas peculiaridades da fala. Finalmente, podemos diferenciar os termos atendendo se a análise do corpus tem sido exaustivo ou não, e se tem selecionado as ocorrências atendendo a algum critério específico. Por outro lado, léxicos e dicionários são de codificação e vocabulários e glossários de decodificação. (Domingues *apud* Barbosa, 1995, p. 19).

Entendendo que tanto o glossário quanto o vocabulário limitam-se às particularidades da fala, depreende-se que ambos visam analisar um *corpus* delimitado em um ato de fala concretizado num dado tempo e lugar, ou seja, tais obras lexicográficas buscam funcionar como descrição de um discurso individual. Assim, ao passo que o dicionário reveste-se da função de descrever a língua em suas diversas manifestações, o glossário assume um papel mais restrito, que reside na descrição de um discurso particular.

O GLOSSÁRIO: AMOSTRA DE ALGUNS DADOS

1) AGRO-TRAVO: Adjetivo. Característica daquilo que apresenta, simultaneamente, gosto amargo, azedo e de aspecto desagradável.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Em sentido figurado, refere-se às dificuldades, obstáculos e percalços que o ser humano encontra em sua vida.

Abonação: “*A taes horas as mães não consentiam / Na fonte os filhos __ n’esses pensamentos / Da bella môça dos incantamentos / E os <agro-travos> fructos que comiam / Nos dolosos palácios os meninos / Que ella levava, e que acham-se nos rios*” (...) (O Guesa, p. 116)

ANÁLISE LINGUÍSTICA: Neologismo formado pela composição do adjetivo “agro” e do substantivo “travo”, cujo significado, no interior do contexto, remete à qualidade dos frutos apreciados pelos meninos. Numa análise mais apurada, pode-se entender “agro-travos” também como os obstáculos ou as dificuldades da vida enfrentados pelo homem.

2) ALMA-DIVINDADE: Substantivo. Elevação suprema de uma alma digna de desfrutar da superioridade de uma divindade.

Abonação: “*A eterna pátria que nos guarda ao seio __ Paulo! Paulo! o mysterio de descerra, / Que em seculos de horror pesar-nos veiu! / E qual fabulosos deuses irrutos / Deram logar a Deus, que é Unidade, / Tal as almas de luz, pantins-espíritos, / Darão logar a essa <Alma-Divindade> / Do Unitario Jesus. / E responsavel Ser do gênero humano ... a terra o homem, / O educado sensual, louco e vendavel, / A quem os céus, que a vida dão, consomem!*” (...) (O Guesa, p. 305).

ANÁLISE LINGUÍSTICA: “Alma-divindade” é constituído pela junção dos substantivos “alma” e “divindade”. No referido composto, acredita-se que este neologismo por composição visa caracterizar Jesus, o qual não é considerado como uma simples alma, mas sim, glorificado como um ser superior e divino. Por isso, a criação desta nova palavra para lhe atribuir tais características.

3) ALVO-ARGENTEO: Adjetivo. Característica atribuída ao que apresenta intensa coloração prateada.

Abonação: “*Por mil collinazinhas cultivadas, / Serpenteiam-lhe em lânguidos enleios / As <alvo-argenteas> fitas das estradas*”. (...) (O Guesa, p. 171).

ANÁLISE LINGUÍSTICA: “Alvo-argenteas” constitui um adjetivo neológico composto pelos adjetivos “alvo” e “argênteo”. Acredita-se que o primeiro adjetivo sugira a idéia de reforçar a intensidade da coloração e do brilho prateado das fitas das estradas.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

4) BOM-APOSTOLO: Substantivo. Homens isentos de qualquer pecado, portadores de coração puro, benevolente e incapazes de praticar qualquer mal contra alguém.

Abonação: “*(Maus-peccadores <bons-apostolos>, iluminados as crenças de re-missão e ressurreição dos mortos, vendo / Jerry McCaulay e revendo / Frothingham no ‘Christ would not suit our times’:)*” (...) (O Guesa, p. 246).

ANÁLISE LINGUÍSTICA: A constiuição de “bons-apostolos”, neologismo por composição em que se justapõem as bases “bom” e “apóstolo”, ocorre em função da designação de seres livres de práticas pecadoras.

5) BRANCO-AZUL: Adjetivo. Qualidade daquilo que demonstra um caráter pálido acompanhado de embaraço e confusão.

Abonação: “*Oh, a violencia d’indivisivel mágoa / Com que deixas a terra que mais amas! / Ha noite n’alma e aos cumes do Aconcagua / S’emplumam <branco-azues> do gelo as chammas! / “Dos serros sigo a linha do horizonte; / Aos exercitos meus passo a revista ___ / Eterno adeus! e a coroa d’esta frente / Deponho ás plantas suas, porque exista!”* (...) (O Guesa, p. 325).

ANÁLISE LINGUÍSTICA: Pela abonação, entende-se que o neologismo por composição “branco-azues” sugere a idéia de palidez, fraqueza e brancura denotada pelo adjetivo branco. O sentido de indecisão, incerteza e embaraço passa a ser instaurado pelo sentido figurativo de azul.

6) CAMA-RATOEIRA: Substantivo. Designação a armadilhas ou ciladas armadas contra alguém ou contra alguma coisa.

Abonação: “*__Desde Hayes, tudo prospera, / Menos viver de sensação: / Mãos á obra! ... ‘E não éxcellent / Ó president / ‘Pois é um kranky, um papão! (KATIES fazendo <camas-ratoeiras>; sister Newcoat-Shaffey:)/ ___Masher H’rald some staint in ‘t wants: ‘N’alta cerviz ... vampire! Ao meio ... / O! O! O! cocktail! / = Paga bail, Ou ... não ha diabo mais feio!”* (...) (O Guesa, p. 249).

ANÁLISE LINGUÍSTICA: Para compor o neologismo por composição “camas-ratoeiras”, o autor usou da justaposição dos substantivos “camas”, objeto de uso comum, e “ratoeiras”, empregado com o sentido de cilada e armadilha. Entende-se que o novo vocábulo confere

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

o sentido de uma armadilha muito bem preparada e disfarçada por meio de um móvel comum.

7) DOCE-UMBROSO: Adjetivo. Característica metafórica do que transmite, com certo ar de mistério, leveza, serenidade, doçura e suavidade.

Abonação: *“Qual se, de dentro o peso, as arrancasse, / De um coração de chumbo; mais vorace / O rubro labio, o olhar das chammas válidas / (Eram-lhe pardos olhos, oh! Preclaros, / Bellos qual os de um deus! tão <doce-umbrosos> / Sobre a calma do olhar, tão silenciosos,” (...)* (O Guesa, p. 113).

ANÁLISE LINGUÍSTICA: Em conformidade com o contexto supracitado, o neologismo por composição “doce-umbrosos” é empregado como um adjetivo que, a partir do adjetivo “doce” expressa qualidades como leveza, serenidade e tranqüilidade, ao passo que, a partir do vocábulo “umbroso”, são expressos os sentidos de mistério e obscuridade.

8) ESPUMA-VIDA: Substantivo. Denotação negativa um tanto quanto pessimista do sentido da vida, realçando sua efemeridade e fragilidade.

Abonação: *“Entre esta amante terra e os corações! / “Bem diz-se ao mundo, com piedoso incanto / Conciliador d’esp’rança já perdidada, / E a esta miserrima, a esta <espuma-vida>, / Em qual abraço que estreitou-se em pranto. / “Do Guesa o coração fora humilhado / Ao cruel desincanto de um delirio ... / Dos ecchos vão, dos valles o martyrio, / Longas ondulações __ vaga o passado” (...)* (O Guesa, p. 132).

ANÁLISE LINGUÍSTICA: Conforme se depreende da abonação, é lamentada a condição miserável, frágil e efêmera da vida humana. Logo, o neologismo por composição “espuma-vida” é composto buscando encerrar a idéia de fragilidade e de efemeridade, como bem sugere o substantivo “espuma”, atribuída à vida.

9) GRANDE-ABERTO: Adjetivo. Característica do que se apresenta, expressivamente, espantado, surpreso ou deslumbrado diante de alguém ou de alguma coisa.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Abonação: “*Amava a solidão, doce bonina / Que abre e às doiradas alvoradas reza. / Ora, no mar Pacífico renasce / Os sentimentos, qual depois de um sonho / Os olhos de um menino se comprazem / <Grande-abertos> aos céus de luz risonhos.*” (...) (O Guesa, p. 278).

ANÁLISE LINGUÍSTICA: O adjetivo “grande-abertos”, neologismo por composição, visa qualificar de forma muito expressiva os olhos de um menino que demonstra um certo deslumbramento ao apreciar as luzes emanadas pelo céu, conforme sugere a abonação acima.

10) RAIO-DARDO: Substantivo. Traço de luz irradiado como uma lança pontiaguda.

Abonação: “*Oh, quanto o mundo então formoso fora / Com a mulher feliz, criança e amada, / A um lado o esposo, ao outro a incantadora / Voz de amigo leal, de ambos sagrada! / “_ Não honras Potiphar? ... de Josezito / Lacerará a capa; e se as ‘abelhas / Trabalham em commum.’ Nem mais evito / Mellifluos <raios-dardos>, das estrelas ...”* (...) (O Guesa, p. 340).

ANÁLISE LINGUÍSTICA: Os substantivos “raio” e “dardo” que se justapõem na constituição do neologismo “raios-dardos” buscam fazer referência, de acordo com a leitura do contexto, àqueles traços de luz irradiados pelas estrelas que atingem seu alvo de forma tão certa, a ponto de serem comparados a uma lança de ponta aguda.

CONCLUSÃO

Conforme os dados apresentados, observamos que grande parte dos neologismos criados por Sousândrade são decorrentes do processo de formação de palavras denominado composição. Logo, podemos concluir que a hipótese em que este trabalho é sustentado pode ser reforçada, dada a alta predominância de vocábulos neológicos constituídos a partir da composição. Diante da confirmação de nossa hipótese, acreditamos que muito há a se realizar em torno da produção literária de Sousândrade, enfocando tanto a questão do neologismo quanto outros estudos de natureza lexicológica. Na oportunidade, fica aqui o convite para que outros estudiosos continuem a desvendar a obra sousandradina, que constitui um terreno amplamente fértil para os estudos lexicológicos.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

BIBLIOGRAFIA

AULETE, F. J. *Diccionario contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Editora, 1881, 2 v.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BOULANGER, J. *A criação lexical na modernidade*. Le language et l'homme, Quebec, v. 4.

———. *Néologie en marche*. Langues de spécialités. Montreal, Série B, n° 4, 1979.

CAMPOS, A; CAMPOS, H. *Re Visão de Sousândrade*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FIGUEIREDO, C. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4ª ed. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1925.

SILVA, A. M. *Diccionario da língua portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

SOUSÂNDRADE, J. *O Guesa*. Ed. fac-similar da 1ª ed. Promovida por Jomar Moraes. São Luís: Edições SIOGE, 1979.